

Hip Hop Feminino e o Feminismo como Resistência da Juventude em Belém

Hip Hop Femenino y el Feminismo como Resistencia de la Juventud en Belém

Female Hip-Hop and Feminism as a Movement of Resistance of the Youth in Belém

Leila Leite

Denise Machado Cardoso

Resumo: o objetivo deste artigo é discutir a participação e organização feminina e feminista do *Movimento Hip Hop Feminino* (H2F) em Belém, uma manifestação exclusiva de meninas que produzem e discutem o *hip hop* como forma de mostrar suas ideias e seu posicionamento político dentro da sociedade. De modo geral, o *Movimento Hip Hop* é formado por uma maioria de homens que se dividem em vários segmentos, ou seja, grafiteiros, Djs, B'Boys, Mcs, fazendo com que a presença feminina se torne quase apagada, mas ela existe, e o *Movimento Hip Hop Feminino* (H2F), liderado por Mana Josy, é um exemplo disso. Portanto, a problemática abordada é: De que maneira o feminismo pode ser uma importante forma de resistência dessas meninas que produzem e pensam o *hip hop* em Belém. Esta pesquisa foi realizada a partir de entrevistas informais com meninas que fazem parte desse movimento, em especial Mana Josy, que é Mc, e Cely, que é grafiteira. Neste enfoque, o feminismo é visto como algo necessário para que elas consigam resistir e permanecer nas ruas com sua produção artística.

Palavras-chave: Hip Hop Feminino. Feminismo. Resistência

Resumen: El objetivo de este artículo es discutir la participación y la organización femenina y feminista del *Movimiento Hip Hop Femenino* (H2F) en Belém, una manifestación exclusiva de chicas que promueven y discuten el *hip hop* como una manera de mostrar sus ideas y su posicionamiento político dentro de la sociedad. De modo general, el *Movimiento Hip Hop* es formado en su mayoría por hombres que se dividen en distintos segmentos, o sea, **grafiteros**, Djs, B'Boys, Mcs, que hacen con que la presencia femenina sea casi nula, pero aun así ella existe, y el *Movimiento Hip Hop Femenino* (H2F), liderado por Mana Josy, es un ejemplo de eso. Por lo tanto, la problemática aquí abordada es: De qué manera, esas jóvenes que producen y piensan el *hip hop* en Belém, pueden usar el feminismo como manera de resistencia. La investigación se realizó a partir de entrevistas informales con chicas que participan de ese movimiento, en especial Mana Josy, que es Mc, y Cely, que es **grafitera**. Este planteamiento, enfoca el feminismo como algo necesario para que ellas consigan resistir y permanecer en las calles con su producción artística.

Palabras clave: Hip Hop Femenino. Feminismo. Resistencia.

Abstract: The aim of this paper is to discuss women's participation in and the women's organization of the *Female Hip Hop Movement* (H2F) in Belém, the capital city of Pará, in the Brazilian Amazon Region. The *Female Hip Hop Movement* consists exclusively of girls who produce and discuss *hip-hop* as an approach to make their ideas and political position known in the society. In general, the *Hip Hop Movement* consists of a majority of men and comprises several different groups such as graffitists, DJs, B-Boys and MCs, thus, overshadowing the women's presence in the *hip-hop* scenario. However, women do participate in it and the *Female Hip Hop Movement* (H2F), led by Mana Josy, is an instance of the presence of women in the hip-hop scenario. The herein raised problem is how the girls who produce *hip-hop* in Belém and reflect on it can use feminism as a tool of resistance. Data for this research were collect through informal interviews with the girls who are members of the *Female Hip Hop Movement* (H2F), especially with MC Mana Josy and Cely, a graffitist of the group. In this research, feminism is seen to be necessary for those girls and their art to resist and remain in the streets.

Keywords: Female hip-hop. Feminism. Resistance.

Leila Cristina Leite Ferreira – doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Ciências Sociais/Antropologia. Graduada em Ciências Sociais. E-mail: leilaleiteferreira@hotmail.com

Denise Machado Cardoso – doutora em Desenvolvimento Socioambiental pelo Programa de Pós-Graduação do Trópico Úmido (PDTU/ NAEA/UFPA). Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: denise@ufpa.br

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir a participação e organização feminina e feminista da *Companhia Movimento Hip Hop Feminino* (H2F) – uma manifestação exclusiva de “meninas” que produzem e discutem o *hip hop* em Belém – como uma forma de expressar suas ideias e seu posicionamento político na sociedade. O *Movimento Hip Hop* de Belém é formado, em sua maioria, por jovens pobres, de ascendência negra, que residem nos bairros da periferia da cidade. A presença masculina prevalece no movimento e os “manos” estão distribuídos nos elementos que compõem o *hip hop*. Ou seja, eles são grafiteiros, *DJs*, *B’Boys*, *MCs*, fazendo com que a presença feminina seja quase apagada. Mas ela existe, e a *Companhia Movimento Hip Hop Feminino* (H2F) é um exemplo disso. Então, a problemática aqui consiste em determinar: De que maneira o feminismo pode ser uma importante forma de resistência dessas “meninas” que produzem e pensam o *hip hop* em Belém? A pesquisa foi realizada com base em entrevistas e conversas informais com algumas “meninas” que se destacam no movimento: a Mana Josy, que é *MC*, e Cely, que participa como grafiteira. A partir dos seus depoimentos, percebeu-se que os ideais feministas embasam a resistência e a permanência das “meninas” nas ruas, onde elas manifestam a sua produção artística.

A *história do Movimento Hip Hop* se inicia na década de 1960, nos Estados Unidos da América, no Bronx, bairro que concentrava a população negra e latina da cidade de Nova York, onde a maior parte dos jovens não dispunha de uma atividade fixa e a violência era uma constante. Foi quando o *DJ Kool Herc* conseguiu agregar os jovens em torno de manifestações musicais em que o importante era dançar e dizer o que pensavam. Assim, esse *DJ* deu início ao *hip hop*, um movimento que se espalhou rapidamente pelo mundo ocidental (BORDA, 2008; FERREIRA, 2013).

O *hip hop* chega ao Brasil na década de 1970, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, de onde se propagou no restante do país. Em Belém, o movimento se organiza na segunda metade da década de 1990, quando o grupo de *rap Manos da Baixada de Grosso Calibre* (MBGC), influenciado por grupos de São Paulo, convoca e reúne os jovens que já faziam parte de outros elementos do *hip hop*, para fundar o Núcleo de Resistência Periférica (NRP), hoje denominado *Nação de Resistência Periférica*, ainda com a mesma sigla (BORDA, 2008; FERREIRA, 2013).

A partir de então, o *Movimento Hip Hop* em Belém passou por momentos de fortalecimento e de dispersão. No ano de 2012, surgiu o projeto “Mutirão de Grafite”, organizado pelos grupos “Coletivo Casa Preta” e o “Cosp Tinta Crew”. O projeto foi além do seu objetivo inicial – o de promover ações coletivas de grafiteagem nos bairros da periferia – e reunificou e reforçou o movimento, levando o *hip hop* e sua rede de sociabilidade para as ruas da cidade.

Nesses “Mutirões”, as “meninas” já marcavam presença, apesar poucas delas atuarem como grafiteiras. Mesmo com a reorganização do movimento, os elementos *DJ*, *B’Boy* e *MC* continuaram restritos aos homens. Então, uma questão foi levantada: Será que não existem mulheres no *hip hop* em Belém? Foi quando surgiu a *Companhia Hip Hop Feminino* (H2F), integrada exclusivamente por “meninas”. O grupo foi liderado e apresentado pela grafiteira Cely e mais tarde pela *MC* Mana Josy.

1. A juventude feminina presente no hip hop de Belém

Os conceitos utilizados para classificar - ou definir - a condição de “ser jovem”, vêm sendo reformulados frequentemente, a partir do século XIX. Por efeito, a representação mental sobre “ser jovem” passou a ter significados distintos, ao longo dos anos. Jon Savage (2009), em seu ensaio *A criação da juventude*, revela que desde os anos 1875 a juventude vem buscando estabelecer o

próprio espaço, visando afirmar e garantir seus direitos diante do mundo. Essa busca surge a partir da adoção de novos valores, concepções e comportamentos que diferem dos padrões vigentes, em determinada época e/ou sociedade. O referido espaço possui linguagem específica, que se traduz no uso diferenciado e peculiar do vestuário, do linguajar, da predileção musical, da produção artístico-cultural, e por formas de ação restritas a movimentos específicos. Trata-se, portanto, de um espaço inerente à juventude e impróprio aos adultos. Canevacci (2006), por sua vez, afirma que os jovens constituem uma categoria que se efetiva como tal, ao retomar e renovar periodicamente a discussão sobre a maneira se “colocar no mundo” e “para o mundo” – categoria que, ao proceder assim, estabelece seu espaço e cria o “próprio mundo”. Segundo o pesquisador, a partir da Segunda Guerra Mundial, a concepção quanto a “ser jovem” ou “não ser jovem” deixou de ser um parâmetro genérico imposto pela sociedade e passou a ser uma decisão individual, na qual cada um se define como uma pessoa adulta ou não mais jovem.

Nesse contexto, é importante acentuar que não há “uma juventude”, mas sim “várias juventudes”, todas vivenciando realidades distintas, integrando grupos diferenciados e “pensando o mundo” de formas diversas. São vários os autores que analisam essas questões, tais como: Caiafa (1989), Costa (2000), Xavier (2000) e Borda (2008).

Em seu estudo sobre os “Punks”, Caiafa (1989) denota a que a presença masculina no movimento era majoritária, sendo composto por jovens com baixa escolaridade, moradores de bairros periféricos e que reivindicavam o direito ao trabalho, à igualdade e à liberdade através de ações específicas, que incluem a postura agressiva e a violência física. Costa (2000), por sua vez, apontou características semelhantes em relação aos “Carecas do Subúrbio”, que também eram jovens da periferia, filhos de operários e lutavam pelo direito ao emprego. Apesar dos pontos em comum, ressalta que os “Punks” e os “Carecas” eram inimigos. Na sua etnografia, Xavier (2000) tipifica de forma similar os integrantes das gangues, como jovens de periferia, desempregados, com pouca escolaridade, que usavam a violência para reivindicar seus espaços e a “pichação” de símbolos como “assinaturas” para demarcar seus territórios. Segundo Borba (2008), os integrantes do movimento *hip hop gospel* têm perfil semelhante, porém, suas ações são pacíficas, pois atuam nas igrejas, junto aos jovens.

Nos estudos citados, percebe-se que as referências à presença feminina são reduzidas. Janice Caiafa (1989), por exemplo, limita-se a registrar a mínima participação das “meninas” no movimento *punk*. Savage (2009), entretanto, ancorado em farta pesquisa documental, constatou que a participação delas nos grupos de jovens ocorre desde o século XIX. À época, as “meninas” integravam gangues de predominância masculina – onde brigavam e eram prostituídas. O autor também atestou a presença de grupos restritos às “meninas”, que amedrontavam as pessoas nas grandes cidades dos Estados Unidos e Europa. Diante de tal constatação, por que a maioria dos estudos sobre a juventude omite a participação feminina? Afinal, as “meninas” participaram e continuam presentes no século XXI, nos grupos juvenis e, portanto, não podem ser negligenciadas. Mesmo na condição de minoria, as “meninas” vêm buscando formas de resistência e organização no sentido afirmar sua real importância – seja na sociedade ou no movimento *hip hop* – e, por fim, resgatar e reescrever a própria história.

O Movimento *Hip Hop* em Belém também apresenta uma supremacia masculina. Em decorrência, o predomínio dos homens – autodenominados “manos” – estende-se aos diversos grupos de rap, grafite e dança. Em contrapartida, denota-se a crescente presença feminina no *hip hop*, no âmbito local e nacional. As mulheres que integram o movimento podem ser denominadas de

“minas” ou “manas”, contudo, esta denominação assume formas distintas em Belém. Ou seja, a “mina” pode qualquer mulher simpatizante ou que participe do movimento na condição de namorada, companheira ou amiga dos jovens que fazem parte do *hip hop*, mas também pode ser uma mulher que produz o *hip hop*. Essa denominação é nacional, enquanto que “mana” não consta em nenhum outro trabalho de dissertação, tese, artigo, sites, blogs ou redes sociais, segundo o levantamento realizado com este propósito. As distintas nomenclaturas usadas para classificar a forma de participação das “meninas” no movimento estão carregadas de ações e significados relevantes para o entendimento da organização e da dinâmica do hip hop no contexto de Belém.

Para a MC Mana Josy, por exemplo, a denominação de “mina” tem um significado pejorativo:

Eu, quando entrei na cultura *hip hop*, foi [sic] como a maioria das mulheres. [Foi] através de alguém, geralmente um homem, de um companheiro, de um irmão, de um amigo [...] E a gente acaba ali, meio que no lado, coadjuvante. Aí, tu te interessa [sic] pela arte [...] De repente, tu descobre [sic] que tu já te identifica com aquilo ali. E a gente acaba optando por um elemento. Pô, eu gosto de cantar, eu gosto de pintar ou eu gosto de dançar. Aí, tu acaba [sic] fazendo parte daquilo ali. Só que não é fácil, porque tu tens ali uma competição. Eles nunca vão ver a gente como parte integrante do elemento. Essa é a maior luta que eu aponto [sic], como uma das nossas maiores lutas; ser vista como parte integrante da cultura e não um pedaço de carne. Não como um corpo bonitinho, como o mano que cola com a mina. Eu abomino essa palavra mina, eu detesto isso. Por isso que eu sou conhecida no *hip hop* como mana, Mana Josy. Porque pra mim, a mana assim como os manos, somos irmãs, estamos ali lado a lado, pra somar. A mina é alguém que tá ali do lado do cara pra ele ostentar, pra ele mostrar, pra ele dizer que ele tem alguém, que ele é macho. Essas e outras questões, também na vida da mulher, que aumenta a dificuldade. Primeiro, essa discriminação dentro da própria cultura, constituindo família, tendo que abandonar a cultura, porque, queira ou não, é a mulher que vai cuidar do filho: é ela que vai ter que tá na casa. É isso que a sociedade colocou na cabeça da gente. E cadê o tempo pra ti fazer, cadê o tempo pra ti tá inserida ali dentro da cultura? Não tem. Enquanto tu tá aqui com a criança e tua família cuidando da casa, cuidando dos afazeres, eles tão lá, tão se articulando, fazendo parte. Tão cada vez mais progredindo na arte e a mulher acaba perdendo força. Ela vai se dedicar à família, [a] ser a mãe. Será esposa, a doméstica ou às vezes acabar arranjando um emprego fora pra poder contribuir com a renda da casa. E aí se perdeu mais uma mana dentro da cultura *hip hop* (Conversa com Mana Josy pelo *WhatsApp*, em 24/03/2014).

Em seu depoimento, a MC Mana Josy define a condição de “mina” como a “menina” que serve de “enfeite” ao lado do “mano”. Por outro lado, o significado de “mana” pode ser definido como uma “menina” que está em pé de igualdade com os “manos”, pois a “mana” está “produzindo” o movimento. Ou seja, atua em alguns dos elementos – hip hop, rap, dança e grafite. Assim, as “manas pensam” o movimento da mesma maneira que os “manos”. Por efeito, não se sujeitam a ser tratadas apenas como um “objeto”, sem capacidade de “produzir” o movimento. No entanto, participar do *hip hop* na condição de “mana” exige das “meninas” uma constante afirmação; uma luta que elas travam de forma permanente para obter o devido reconhecimento no contexto predominantemente masculino do movimento.

A MC Mana Josy ressalta que nem todas as mulheres ou “meninas” que estão produzindo no *hip hop* são capazes de consolidar uma participação efetiva no movimento, pois ela reconhece as dificuldades que enfrentam no seu cotidiano. Apesar disso, ela critica a falta de iniciativa dessas “manas”, no sentido de superar os obstáculos e prosseguirem ativas no movimento. A MC avalia que, apesar de se autodenominarem “manas”, elas continuam, de fato, relegadas à condição de “minas”. E relembra que ela mesma ingressou no *hip hop* na condição de “mina”, no entanto, conquistou o status de “mana”, ao passo que as outras “meninas” não evoluíram e permanecem “minas”.

Então, até que ponto os homens contribuem para que essas mulheres permaneçam na condição de “mina”? Quem são esses homens que consideram essas mulheres apenas como um objeto? De que maneira as “manas” que se tornam “domésticas”, como afirma Mana Josy, poderiam resistir e continuar produzindo a sua arte nas ruas? Todas essas questões apenas a pesquisa de campo poderá responder, mas aqui pretendo discutir como um comportamento feminista vai tornar possível a resistência dessas meninas no movimento, mesmo que com muitas dificuldades.

Nesta abordagem, a participação das mulheres no movimento *hip hop* suscita alguns questionamentos: Até que ponto os homens contribuem para que essas mulheres permaneçam condição de “mina”? Quem são esses homens que consideram essas mulheres apenas como um objeto? De que maneira as “manas” que se tornam “domésticas”, como afirma Mana Josy, poderiam resistir e continuar produzindo a sua arte nas ruas? Essas questões norteadoras serão respondidas após a pesquisa de campo.

Neste trabalho, pretendo discutir como os princípios que norteiam o feminismo podem influenciar os ideais dessas mulheres, a ponto de tornar possível a sua resistência e a continuidade da participação no movimento *hip hop* e na sociedade, apesar das dificuldades enfrentadas em várias dimensões, sobretudo nas relações sociais e de gênero. Como base empírica, elegemos as trajetórias da MC Mana Josy e da “mana” Cely, ambas atuantes no movimento *hip hop* em Belém.

2. Duas manas e duas histórias de resistência

Mana Josy estuda pedagogia na Universidade Federal do Pará (UFPA), é técnica de enfermagem e trabalha em um hospital particular de Belém. Namora com Israel, um Mc, e coordena vários coletivos, como o Senzala Urbana, o *Movimento H2F* e a Conexão Feminina. O Senzala reúne vários outros coletivos que agregam homens e mulheres ligados *hip hop*. Este coletivo é fruto do Rima de Rua¹ e da Companhia H2F, e, segundo Josy, surgiu para fortalecer a luta para a conquista de espaços a partir de uma voz coletiva.

Senzala porque a senzala era onde o negro morava, era humilhado, ria, chorava, festejava e tramava sua libertação. Ainda vivemos assim, a periferia nada mais é que uma grande senzala camuflada de cidade onde ainda somos escravos (Conversa com Mana Josy, em 31/07/2014).

O Conexão Feminina é um grupo de rap formado pela Mana Josy e Dri Mc, ele não faz mais parte do Senzala Urbana e nem do H2F. E a *Companhia H2F* surgiu como uma necessidade das questões de gênero, de questões referentes à mulher. E, segundo ela, nesse ponto os dois se diferenciam e as ações se separam, por discordâncias entre Dri Mc e os dois coletivos na maneira de agir.

¹ Rima de rua era um projeto que Mana Josy e Israel organizavam para ter um espaço para os MCs mostrarem o seu trabalho, e que ocorria na Praça da República, em um domingo ao mês.

Cely é estudante de artes visuais na UFPA, é grafiteira e ilustradora, e trabalha ministrando oficinas de grafite e fazendo telas. É casada com o grafiteiro Metal e os dois têm dois filhos, uma menina e um menino. Ela faz parte da *Companhia H2F*, da *Ratinhas Crew* e da Flores do Brasil. *Ratinhas Crew* é um grupo de grafiteiras de Belém, cujo nome vem do fato de estarem nas ruas como os ratos, e assim como eles, elas também incomodam as pessoas por estarem nas ruas e não em casa cozinhando, cuidando dos filhos e do marido. Flores do Brasil é um grupo formado por Cely, Gabi e Karen, ambas grafiteiras, sendo cada uma de um estado do Brasil – Pará, Pernambuco e Espírito Santo, respectivamente. Segundo Cely: “É Flores do Brasil por causa da feminilidade e diferenças das flores do Brasil” (Conversa com Cely, grafiteira, em: 19-09-2014).

Para Cely, a resistência passa por todos os pontos colocados por Mana Josy, visto que ela é casada e tem filhos, no entanto consegue permanecer fazendo grafite e fazendo parte de vários coletivos. Ela afirma que a sua resistência só é possível porque conta com o apoio dos pais e do marido para continuar sendo artista de rua, pois, do contrário, não teria como. Cely, Mana Josy e todas as meninas que fazem parte dos seus coletivos são exceções dentro do *hip hop*, pois é muito mais complicado para elas permanecerem na rua fazendo sua arte do que para os homens. Segundo afirmam, além de todas as dificuldades encontradas por todos os jovens do movimento, as minas e manas têm que provar para os manos que também são capazes de compor, grafitar, ser uma *Dj* ou ser uma *B'girl*, e isso é frequentemente apontado por elas como um problema.

Tu imagina [sic] a ideia que as pessoas fazem da cultura *hip hop*. Então, a cultura hip hop é [coisa] de preto, de vagabundo, de pessoas que não têm escrúpulos e por aí vai. É um bando de meninos, um bando de homens, de adolescentes fazendo, dançando, pulando de cabeça pra baixo, riscando os muros, cantando palavrão. É essa a ideia. Palavrão que é o que eles fazem. Tu já é [sic] discriminado em escala; primeiro a cultura, em segundo os componentes, em terceiro vem a mulher. [...] que nós somos pra sociedade [é] o que nós sempre fomos: mulheres, pobres, negras, sem voz. E, de repente, numa cultura que já vem impregnada de todos esses preconceitos, a gente se manter dentro *hip hop* não é fácil não. Nunca foi fácil (Conversa com Mana Josy pelo *WhatsApp*, em 24/03/2014).

De modo geral, o *Movimento Hip Hop* é organizado por jovens que moram nas periferias e, na sua maioria, são negros e negras. Esses homens e mulheres são marginalizados ou discriminados por serem pessoas diferentes, portanto, não inseridas nos padrões desejados, por isso são excluídos e colocados à margem da sociedade. No entanto, Becker (2008) afirma que essas pessoas podem revidar essa situação, tendo a sociedade como marginal. Mana Josy aponta essa situação, sendo ainda pior no caso das mulheres. O depoimento acima evidencia o preconceito social, cultural, étnico e de gênero – que as “meninas” enfrentam. Segundo Cely e Mana Josy elas são discriminadas inclusive pelos próprios “manos”, pois quando casam com as minas e manas, tentam convencê-las a sair das ruas, e determinam: “a rua não é lugar de mulher”.

Nesse contexto, as meninas que estão inseridas no *hip hop* travam uma luta que passa pelo feminismo, por mais que não se declarem feministas. Nas suas lutas pela conquista de espaços dentro do movimento, como mulheres que estão pensando e produzindo tanto quanto os homens, e também para serem chamadas de manas, elas demonstram que estão buscando a igualdade de gênero em um movimento de jovens que prega a igualdade e a não discriminação, mas que ainda está engatinhando no que diz respeito à igualdade na relação de gênero.

Em outro contexto, Freire (2011), em sua etnografia sobre as meninas do *hip hop* de Salvador, constatou que essa discussão também perpassa por uma resistência firmada na conscientização de que o *hip hop* é também um lugar de mulher. Na sua pesquisa, as mulheres estavam passando por um processo de resistência onde as discriminações eram visíveis, e havia uma divisão entre o papel do menino e da menina dentro do *hip hop*. Essa situação encontra similaridades com a realidade das meninas do *hip hop* de Belém.

Tanto aqui quanto em Salvador, as meninas precisam demonstrar aos meninos que o *hip hop* também é lugar de mulher, e para isso se baseiam em argumentos e ações feministas. Pois, assim como no movimento feminista, elas lutam pela igualdade de espaços no movimento *hip hop*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As minas e manas do *Movimento Hip Hop* de Belém e de outras cidades, estão vivenciando um processo de mudança na estrutura interna do movimento, decorrente resistência feminina em assumir um papel secundário ou de coadjuvante, que vem se consolidando por meio de discussões nos coletivos, em grupos femininos, resultando em maior visibilidade dos seus trabalhos, demonstrando que elas estão produzindo e levando o movimento por novos caminhos e cada vez mais conquistando espaços no âmbito geral do movimento, não só para elas, mas também para os manos.

Nesse sentido, a participação da Mana Josy se evidencia pela coordenação do grupo de rap “Conexão Feminina” e a sua atuação nos coletivos “Companhia Movimento H2F” e “Senzala Urbana”. Além disso, ela pensa e discute a estrutura interna do movimento, na defesa dos direitos femininos no Movimento *Hip Hop* em Belém. Por outro lado, destaca-se a atuação de Cely nos grupos de grafite “Ratinhas Crew” e “Flores do Brasil” no coletivo “Companhia Movimento H2F”. Apesar de atuarem em grupos distintos, Cely e o companheiro Metal discutem os rumos do movimento, pois vivenciam realidades próximas. A despeito da participação ativa e relevante, Mana Josy e Cely ainda são protagonistas isoladas na luta pela ampliação do papel e dos direitos das mulheres no Movimento *Hip Hop* de Belém.

Porém, é preciso que as manas resistam e persistam, com ênfase na conquista do respeito dentro do próprio movimento, e não passem pelas mesmas situações vividas por Cely quanto ao tratamento dos homens, mesmo quando dividem um muro em uma ação coletiva, eles deixam para ela um espaço menor, ficando evidente a desvalorização do seu trabalho. Assim, mesmo não se declarando feministas, elas agem como feministas na briga por igualdade e respeito dentro e fora do *hip hop*.

Com relação à problemática deste artigo, verificou-se uma estreita relação entre os princípios do feminismo e os ideais e posicionamentos dessas “meninas”. Ressalte-se que esses princípios foram assimilados de forma empírica ao longo das suas trajetórias, seja exercendo o papel social de mulher ou atuando na condição de “manas” no Movimento *Hip Hop*. Podemos afirmar, portanto, que o feminismo, ainda que de forma subjetiva, vêm contribuindo de forma significativa no processo de resistência e na participação das “meninas” que produzem e pensam o *hip hop* em Belém.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard S. *Outsiders. Estudos de Sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

BORDA, Bruno Guilherme dos Santos. *Palavras sagradas, rimas e experiências: uma tentativa de compreensão sobre cristianismo pentecostal, rap e antropologia*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

CAIAFA, Janice. *Movimento Punk na cidade: a invasão dos sub*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989

CANEVACCI, Massimo. *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005

COSTA, Márcia Regina. *Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. São Paulo: Musa, 2000.

FERREIRA, Leila Cristina Leite. *E aí, vai ficar de toca? Cola com nós: lata na mão, grafiteiros na rua, arte nas paredes: a juventude grafiteira em Belém*. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

FREIRE, Rebeca Sobral. *Hip Hop Feminista? Convenções de gênero e feminismos no movimento hip hop soteropolitano*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

XAVIER, Mário Jorge Brasil. *Nem anjos, nem demônios! Etnografia das formas de sociabilidade de uma galera de Belém*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2000.